

JORNALISMO E LITERATURA: ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA NAS OBRAS O ATO E O FATO E POSTO SEIS DE CARLOS HEITOR CONY

SOUZA, Leonardo de Oliveira¹; SANTOS, Regma Maria dos²,

Palavras chave: Crônica, Golpe Militar, História.

1 – INTRODUÇÃO

O presente projeto procura compreender a concepção de Carlos Heitor Cony sobre o golpe político de 1964 a partir de duas obras: *O Ato e o Fato* e *Posto Seis*, ambas são produzidas sob o calor do ano de 1964, a primeira, inteiramente engajada politicamente, cuja proposta é criticar a ilegalidade dos militares no poder. A segunda, trás resquícios políticos, entre outros temas humorados e melancólicos, além de relançar – em sua segunda parte – diversas crônicas de *O Ato e o Fato*. Sob estes documentos buscamos compreender a representação de Cony. Para se elaborar uma pesquisa acadêmica interdisciplinar, é necessário estudar, refletir e compreender os mecanismos existentes que sustentam esta ralação de diferentes disciplinas. Neste projeto, servimos da História, do Jornalismo e da Literatura, áreas distintas, mas que se completam no exercício da própria reflexão. É este o nosso campo, no qual se estende uma longa e rica história de significados e representações. Nesse sentido, adentramos a história dos anos 60 no Brasil, munidos da arte literária e jornalística, pensando e pesquisando o golpe militar de 1964 sem perder de vista a relação com nossos documentos. Na pesquisa, buscamos o olhar de Carlos Heitor Cony, jornalista e escritor, que a partir do golpe narrou através de crônicas diárias - publicadas no *Jornal Correio da Manhã* do Rio de Janeiro – o novo cenário político que se configurava a partir de então. Fundamentaremos nossa pesquisa na metodologia da história cultural, cuja proposta capta nas mais diversas formas culturais os aspectos contundentes das camadas sociais, suas manifestações, tradições, cultura e, portanto, história. Entre nossos objetivos buscamos compreender a percepção política de Cony no tempo em que foram narradas e publicadas, levantando e destacando aspectos do tempo histórico, suas relações, conseqüências e influência nas crônicas do autor. Aprofundar e analisar os estudos interdisciplinares entre jornalismo, história e literatura. E ampliar a fonte documental para a análise e compreensão dos acontecimentos de um período recente e de grande relevância para a história brasileira.

2 – METODOLOGIA

Compreender um fato histórico sobre um documento literário requer algumas condições, a primeira de imediato é reconhecer no campo literário, seja ele crônica, conto ou romance, seu valor histórico, repleto de características e de condições contextuais de uma época, costume ou tradição, enfim, é importante avaliar e incluir o espaço literário enquanto fonte da história. Contudo, buscar no campo literário referência de pesquisa requer também algumas medidas por parte do historiador, como

analisá-lo, submetê-lo ao rigor da investigação como forma de selecionar o conteúdo histórico, como afirma Nicolau Sevcenko em *Literatura como Missão* “O estudo literário conduzido no interior de uma pesquisa historiográfica, todavia, preenche-se de significados muito peculiares (...) seu compromisso é maior com a fantasia do que com a realidade”. (SEVCENKO, 1989, p. 20). Desde o surgimento da escola dos Annales a historiografia aproximou-se de outras áreas do conhecimento. A nova história apostou de vez na interdisciplinaridade, e buscou em outras áreas como geografia, antropologia, sociologia e artes a fonte para se compreender e desenvolver os estudos históricos. A nova história cultural intensificou essa relação ainda mais, dentre as novas áreas estabeleceu uma forte relação de pesquisas com a literatura, e é essa relação que aprofundaremos adiante. Buscava-se, portanto, a renovação da pesquisa histórica. Nesse sentido, entre nossas referências, buscamos como metodologia a investigação de fontes literárias, entendendo estas enquanto registros de uma época. Partiremos das formulações de Chartier sobre o conceito de representações. Representar é uma construção, é pessoal, mas diretamente ligada ao coletivo, portanto, ao meio. É a interpretação repleta de influências de um determinado objeto, é o sentido atribuído, é a subjetividade acima do real, da verdade e da mentira. Representar é identificar uma construção de significados, seja através dos sentidos que dão percepção a uma pessoa, imagem, fato ou situação, tudo que é plausível de interpretação. Recuperar, analisar e decorrer acerca de um fato a partir de pequenos sinais e detalhes quase imperceptíveis em um objeto pode constituir a diferença entre um discurso corriqueiro de um período e uma análise minuciosa e mais completa do processo. Desenvolvemos nossa pesquisa atentos a estas evidências e sob a orientação do método indiciário de Carlo Ginzburg. Roger Chartier e o conceito de representações e Carlo Ginzburg e o método indiciário são referências fundamentais que nos permite aprofundar essa relação entre história e literatura, alcançando assim um dos nossos objetivos no respectivo projeto.

3 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio ao governo de Jango, uma vasta rede de conspirações se espalhou por quartéis e setores da elite, chegando a obter claro apoio do governo norte americano. Assim, sob pretexto de preservar o país do “perigo” comunista e manter a ordem estabelecida, no dia 1º de abril de 64 os militares depois de muitos se articularem tomaram as ruas, ocuparam pontos estratégicos e se armaram, destituíram o presidente, fecharam o congresso, caçaram lideranças; efetuaram prisões políticas e deu início ao mais longo e mais rígido período de ditadura da história recente do país. Julio José Chiavenato nos trás importantes fatores e registros sobre o golpe militar em sua obra *O Golpe de 64 e a Ditadura Militar*. Depois da conspiração, o golpe militar aconteceu quase naturalmente, apoiado pela Igreja e festejado pela classe média, temerosa de perder os seus “privilégios”. A grande imprensa criou um clima favorável ao golpe, exigindo a deposição do presidente Goulart. O governo já estava na defensiva e foi incapaz de resistir aos golpistas. Os dispositivos militares que deveriam defender o regime constitucional foram um completo fracasso. (CHIAVENATO, 2004, p.64). Entre os que de imediato se opuseram ao golpe destacou-se Cony, cronista do jornal *Correio da Manhã*, considerado por muitos da época como alienado, surpreendeu a todos ao se

levantar imediatamente contra o golpe militar de 64. Cony escreveu sua primeira crônica no dia 2 de abril de 1964, logo de imediato ao que ele veio a intitular como “quartelada”, ou, o golpe militar, ou ainda “revolução de 64” como chamaram os militares na época. Ressaltamos que, as percepções de Cony, que escreveu acerca do período na qualidade de jornalista, são suas representações. Conceito este que apropriamos a Cony com base em Roger Chartier. Assim, no calor do momento foi que Cony escreveu, crônicas memoráveis, críticas ferrenhas e objetivas, sempre deixando claro seu pensamento e suas convicções em defesa da liberdade, além de seu repúdio aos que derrubaram a democracia em nome da nação, aos que reprimiam manifestações de expressão política e feriram a dignidade humana.

4 – CONCLUSÃO

As crônicas de *O Ato e o Fato* e *Posto Seis* por mais que contenham críticas políticas, não devem ser entendidas pelos leitores como engajamento político do autor Carlos Heitor Cony. Não foi esse o interesse do autor, elas expressam o olhar de Cony sobre o momento, são, de fato, representação acerca do golpe militar, e mais, é a tradução escrita da memória do cotidiano. A representação de Cony sobre o golpe não pode ser descrita como ideologia de direita ou de esquerda, por mais que suas críticas fossem próximas ao do campo da esquerda, pois, não era assim que Cony se denominava e tão pouco agia. Cony foi além de paradigmas ideológicos, seja por qualidade ou alienação – como era taxado até 64 – dessa forma, acabou por aproximar-se dos propósitos do jornalismo, como a imparcialidade. Por mais que fizesse críticas constantes, ainda sim não era o discurso da esquerda. Ao longo da pesquisa, procuramos desenvolver o projeto – cujo tema está em evidência e é de grande relevância para democratizar a história – ampliando o leque de estudos sobre o golpe, crônicas, relação interdisciplinar e o próprio Carlos Heitor Cony. Afim de cumprir os objetivos da pesquisa e somá-la ao campo da historiografia brasileira, que busca destrinchar as fronteiras da história cultural.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronald. (orgs.). **Domínios da História**: Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. CAMPUS, 1997.
- CHARTIER, ROGER. Textos, impressões e leituras. In: Hunt, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CHIAVENATO, Júlio J. **O Golpe de 64 e a Ditadura Militar**. São Paulo: Moderna, 2004.
- CONY, Carlos Heitor. **O Ato e o Fato**: Crônicas Políticas/ Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____, *Posto Seis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- GASPARI, ELIO. **A Ditadura Envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SALLES, Pinheiro. 1964: **Golpe e Ditadura**. Goiânia: Kelps, 1999.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura Enquanto Missão*: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República / São Paulo / Ed: Brasiliense, 3ª edição 1989.

SOUZA, L. O.; SANTOS, R. M.; Jornalismo e Literatura: Entre Memória e História nas obras O Ato e o Fato e Posto Seis de Carlos Heitor Cony. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG – CONPEEX, 3., 2006, GOIÂNIA. Anais eletrônicos do XIV Seminário de Iniciação Científica [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2006. n.p.

¹ Bolsista de iniciação científica. NIESC, leoufg@hotmail.com

² Orientadora/NIESC/UFG/CAC, regmamaria@yahoo.com.br